

DO INFORTÚNIO SELVAGEM ÀS MULTIPLICIDADES DE GENTES: LINGUAGENS SOBRE AS AMAZÔNIAS

Shelton Lima de Souza
 Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Acre - Brasil
 shelton.souza@ufac.br
<https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>

Leandra Ines Seganfredo Santos
 Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Ciências Humanas e
 Linguagem, Mato Grosso - Brasil
 leandraines@unemat.br
<http://orcid.org/0000-0003-0388-0106>

Neusa Inês Philippsen
 Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Ciências Humanas e
 Linguagem, Mato Grosso - Brasil
 neinph@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0406-3984>

As Amazônias são múltiplas, por isso as escrevemos no plural. Nas entrelinhas da produção discursiva, essa afirmação não se trata de uma afirmação óbvia. Por muito tempo, discursos sobre uma Amazônia singular, longínqua e inóspita ecoaram nos ouvidos, nos corpos, nas subjetividades e, por isso, nas identidades das pessoas pelo Brasil (e pelo mundo) e, principalmente, entre os próprios habitantes de espaços amazônicos que de diferentes maneiras recebem produções de sentidos, as naturalizam e as repassam em uma cadeia de relações sociais (Fairclough, 2001) produzidas por meio de assimetrias de poder, sobretudo encadeada por polarismos com base em purismos de mentes e de corpos (Bhabha, 1998). Em consequência, no Brasil se tem imagens de “um norte selvagem e um sul civilizado”.

Neste texto, entendemos que as sujeitas e os sujeitos são produtores de linguagem e na contramão da história da Linguística do final do séc. XIX e início do XX que institucionalizou uma língua (Langue) separada da fala (Parole) (Saussure, 2021 [1916]) para também atender aos objetivos da ciência da época, as pessoas, seres vivos de carne e osso, é que controlam a linguagem e não o contrário. Nesse viés, o uso da palavra Amazônia, em uma forma gramatical singular não foi construída de forma acidental ou esse termo não é coincidentemente constituído, demonstra o próprio discurso de singularidade de um vasto espaço composto por 5.015.146,008 km²¹, o que corresponde a cerca de 58,93% do território brasileiro, e se considerarmos as amazônias bolivianas, peruanas, colombianas, equatorianas, guianenses, venezuelanas e

1 Informações obtidas no site: https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia_legal.html#:~:text=*Apenas%20as%20%C3%A1reas%20dos%20munic%C3%ADpios,%2C93%25%20do%20territ%C3%B3rio%20brasileiro. Consultado em 02/07/2024.



surinamesas, o território chega a 6,9 milhões de Km². Trata-se de uma grande diversidade cultural e linguística que foi reduzida a imagens homogêneas e singularizadas pelo olhar dos colonizadores em suas produções discursivas – cartas, documentos, relatos de viagem etc. – que foram difundidas como verdades e, portanto, consideradas as únicas amostras das possibilidades de se entender a vastidão dos mundos amazônicos.

Esses relatos, em diferentes gêneros discursivos, eram influenciados por abordagens científicas evolucionistas, cuja intenção, além de propostas de catalogação de diferentes formas de vida e de linguagens com a finalidade de se demarcar territórios considerados inabitados – o que facilitou os processos colonizatórios –, influenciou a invasão dos territórios amazônicos pela saga de se fincar as fronteiras brasileiras e de “conhecer” outros brasis. Considerando a experiência de Euclides da Cunha no sertão baiano que o escritor retratou em *Os Sertões*, sua experiência, subsidiada por seus interesses influenciados pelas leituras de textos produzidos por exploradores estrangeiros, foi tida como importante para explorar a não conhecida “Amazônia”.

Relatos como os de Euclides da Cunha classificaram/classificam as Amazônias como “despovoadas” ou, ao se remeter aos únicos habitantes que via, como em *Os Sertões* (Cunha, 2003), as mulheres e os homens eram identificados como representações dos meios em que estavam, representações essas criadas pelos exploradores – e Cunha era um deles, cuja percepção se atrelava a de textos estrangeiros que leu, fazendo com que tivesse uma visão das Amazônias antes mesmo de conhecê-las, conforme relata Santana (2000):

Assim como já acontecera com os artigos que antecederam a sua ida para o sertão de Canudos, Euclides da Cunha escreveu sobre a Amazônia antes de conhecê-la *in situ*. Mais uma vez, fez-se acompanhar de autores/autoridades diversos, que passam por Humboldt, Agassiz, Bates, Chandless, Tavares Bastos e outros, demonstrando um esforço de leitura que o levou a tecer considerações sobre o meio físico, o homem e a cultura daquela região. Os textos escritos por Euclides da Cunha, antes da sua ida até a Amazônia, e que têm-na como tema, expressam a predominância da visão de mundo norteadas pelo determinismo geográfico, evolucionismo e darwinismo social, que podem ser identificados nas relações entre o clima e a adaptabilidade do homem, nas idéias sobre o “isolamento étnico” como elemento de preservação e formação das “raças”, ou no emprego de “palavras-chave”, como “aplicação dos princípios transformistas às sociedades”, “seleção natural dos fortes” e “concorrência vital entre os povos” (Antonio Filho, 1995, pp. 74-84). Novamente estavam em pauta os modelos do cientificismo que tanto impregnaram *Os sertões* (*grifo do autor*). (Santana, 2000, p. 904)

Em Santana (2000), conforme sua interpretação dos sentidos produzidos por Cunha em *Os Sertões* e, particularmente nos livros desse autor referente à região amazônica como *A margem da história* e *Paraíso Perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre*

a Amazônia² – observamos que se construíram imagens das sujeitas e dos sujeitos vistos como produtos do meio que, por conseguinte, eram entendidos como rústicos e selvagens. Esse tipo de abordagem ao qual Euclides da Cunha se filiava estava relacionada a princípios científicos modernos – que ele aprendeu lendo, por exemplo, os escritos do botânico Jacques Huber³ – que, entre quaisquer outros procedimentos, catalogou a natureza pelo olhar da descrição científica da época, hierarquizou gentes, dividiu e maculou corpos e promoveu uma linha de desenvolvimento em que pessoas, culturas, linguagens foram discursivamente instituídas em dois polos: os primitivos/os selvagens de um lado e os desenvolvidos do outro:

Mandavam-nos para a Amazônia-vastíssima, despovoada, quase ignota o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os diretos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrentos e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo [...]. (Cunha, 2006, p. 49)

Ao conhecer o rio Amazonas pela primeira vez, Cunha não deixa de registrar o seu desapontamento:

Quanta coisa a dizer! - o desapontamento que me causou o Amazonas, menos que o Amazonas que eu trazia na imaginação; a estranha tristeza que nos causa esta terra amplíssima, maravilhosa e chata, sem um relevo onde o olhar descanse; e, principalmente, o tumulto, a desordem indescritível, a grande vida à gandaia dos que a habitam... Estou numa verdadeira sobrecarga de impressões todas novas, todas vivíssimas e empolgantes. Preciso de uma situação de equilíbrio para o espírito. (Cunha, 1997, p. 254-255)

Cunha construiu dois polos representados por meio dos dois excertos acima: um Brasil desenvolvido, moderno e civilizado e um Brasil não pitoresco, como ele via em sua “imaginação” e constituído por um espaço “sem relevo”, “tumultuado” e “desordenado”.

Os dois polos euclidianos que podem ser questionados por meio de outros olhares, ou que Bispo (2015) chama de discursos contracoloniais ou em posições opostas ao “privado e público, passado e presente, o psíquico e o social desenvolvem uma intimidade intersticial. É uma intimidade que questiona as divisões binárias [...]” (Bhabha, 1998, p. 35). Nos polos que não se misturam, prevalece-se a percepção purista dos corpos e das linguagens, desconsiderando as formas de contato, mesmo aquelas que promoveram/promovem genocídios – destacamos a matança perpetrada por Israel na Faixa de Gaza⁴

2 Além destas obras: Cunha, Euclides. Contrastes e confrontos. In A. Coutinho (org.), **Euclides da Cunha obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, vol. I, pp. 103-219, 1966 / Cunha, Euclides. **Caderneta de anotações (sem título)**. São José do Rio Pardo, Grêmio Euclides da Cunha, 252 p., 1966 / Cunha, Euclides da Correspondências. In, Walnice N. Galvão e Oswaldo Galotti. **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo, Edusp, pp. 27-426, 1997.

3 Jacques Huber, botânico suíço que chegou no Pará em 1805, e tinha relações com Emílio Goeldi, à época, o então diretor do museu que atualmente carrega seu nome. Huber foi diretor do atual Museu Emílio Goeldi de 1907 até sua morte.

4 Com o silêncio absoluto das poderosas nações mundiais.

– e que resultaram em diferentes formas de resistências – que se não fossem, não estaríamos falando em povos indígenas no séc. XXI, por exemplo.

O olhar acadêmico purista sobre o que foi construído pelos traços da colonialidade rejeita a própria história pela qual passaram povos que, por meio de acordos e formas de se inserir (ou negociar de acordo com Bhabha (2018)) ou não se inserir, como afirma Bispo (2015)⁵ em relação aos quilombolas e aos indígenas em sociedades construídas por outrem, conseguiram de alguma forma produzir sentidos sobre linguagens e identidades.

Nessa perspectiva que a edição da Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades vem construindo espaços para a promoção de textos que problematizam formas coloniais de se olhar para as linguagens, permitindo que contradiscursos sejam produzidos nos espaços acadêmicos, particularmente na Universidade Federal do Acre/UFAC e em outras esferas acadêmicas, considerando que se trata de uma revista eletrônica.

Como forma de contribuir com as discussões referentes a outros olhares sobre a Amazônia e, nesse sentido, também contribuir com a difusão do conhecimento produzido por pesquisadores nas/das Amazônias foi proposto o dossiê “Linguagens e Diversidades nas Amazônias” organizado pelo GT Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira/ELIAB da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística/ANPOLL em parcerias entre o Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI e o Laboratório de Estudos Interculturais e Humanidades/LEIH, ambos situados na/da UFAC, e o Programa de Pós-graduação em Letras/PPGL da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, *campus* Sinop. Por meio dessas parcerias com Programas e um Laboratório de pesquisa em universidades amazônicas, o dossiê visou a, conforme a chamada, “trazer à tona” reflexões acerca de temáticas como: linguagens e identidades invisibilizadas, linguagens e vivências em tempos de pandemia, diversidade linguístico-cultural, formação docente, ensino e aprendizagem de línguas, e demais temas que promovam a interseccionalidade de estudos da linguagem em diferentes perspectivas.”

Ao longo de quase um ano, recebemos artigos de autoras e de autores oriundos de diferentes ambientes acadêmicos amazônicos concentrando-se em temáticas variadas que exploram os diferentes limiares teóricos que olham para as linguagens, a partir da forma como as pessoas a utilizam para produzir sociabilidades, marcar posições identitárias e se situarem no mundo, promovendo existências e formas de ações políticas (a redundância é necessária, tendo em vista que não há ação apolítica ou não ideológica (Zizek, 1994)) de enfrentamento de traços de subalternização pela qual passaram as gentes amazônicas, as pesquisadoras e os pesquisadores nas universidades amazônicas e as temáticas que levam à reflexão de verdades discursivamente situadas.

5 Para Bispo (2015), indígenas e quilombolas não promovem ações decolônias, porque não foram inseridos em sociedades colonizadas. A decolonização ocorre quando se entende que foi colonizado, que se passou pelo processo de colonização, ou seja, se foi incluído em sociedades colonizadas. Entretanto, povos quilombolas e povos indígenas foram/são subalternizados e subjugados à invisibilização; não foram incluídos em nada. Por isso, para Bispo, a sua postura e a de outros que comungam de suas ideias são contracolonias, porque os traços da colonialidade se fincaram e contra eles que devem lutar.

Assim, o dossiê consistiu em problematizar temas de relevância acadêmica, científica, educacional, mas sobretudo linguístico-cultural-social-identitário em contextos amazônicos com os quais pesquisadoras e pesquisadores se relacionam/relacionaram que produziram resultados de pesquisas em diferentes vieses teóricos que consideramos, para além da produção acadêmica, maneiras de construir contradiscursos em torno de ambientes historicamente subalternizados pelo cientificismo evolucionista.

REFERÊNCIAS

- BISPO, Nego. **Colonização, quilombos, modos e significados**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino. Brasília, 2015.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência. História, Ciências, Saúde – **Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. VI (Suplemento), p. 901-907, set. 2000.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.
- ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In. ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.